

O UNIVERSO CONFIGURADO PELA POESIA DO CANCIONEIRO POPULAR GAÚCHO: O HOMEM E A MULHER

THE UNIVERSE SHAPED BY POPULAR GAUCHO POETRY: MAN AND WOMAN

Lisana Bertussi¹

Resumo: Estudo do Cancioneiro popular gauchesco, através das coletâneas: *Cancioneiro Guasca* (1910), de Simões Lopes Neto, *Cancioneiro gaúcho* (1952), de Augusto Meyer e *Cancioneiro da Revolução de 1835* (1935), de Apolinário Porto Alegre, recortando a configuração do homem e da mulher, suas relações de amor, seu papel no universo campeiro, sua possibilidade de fala e imposição de vontade e valores. Ao focar esses aspectos pretendemos demonstrar que, por sua ênfase, esses temas ocupam o espaço do tema das contendas guerreiras, impopulares, uma vez que pouco poetizadas. Além disso, fica patente o quanto o regionalismo gauchesco já estava presente nas origens de nossa literatura.

Palavras-chave: Poesia popular; Cancioneiro; Regionalismo gauchesco.

Abstract: A study of popular gauchó poetry based on the collections *Cancioneiro Guasca* (1910), by Simões Lopes Neto, *Cancioneiro gaúcho* (1952), by Augusto Meyer, and *Cancioneiro da Revolução de 1835* (1935), by Apolinário Porto Alegre, highlighting the subjects man and woman, their love relations, their role in the countryside universe, their possibility of speech, and imposition of will and values. By focusing on these aspects, the intention here is to show that, because of their emphasis, these subjects occupy the space of war fights, which were unpopular, since little poeticized. Besides, it becomes patent to what extent gauchó regionalism was already present in the origins of our literature.

Keywords: popular poetry; *cancioneiro*; gauchó regionalism.

A literatura oral no Rio Grande do Sul foi produzida, segundo o Historiador Guilhermino Cesar, antes da chegada dos imigrantes. Ora se alemães chegaram 1824, e italianos em 1875, o período antes dessas datas seria apontado pelo autor como sendo o momento em que a produção ainda era apenas oral, passando a ser registrada por escrito só depois, embora não se possa negar que a produção oral ainda venha sempre sendo produzida e continua circulando no sistema literário gaúcho.

¹ Professora da Universidade de Caxias do Sul, e-mail: zanabertussi@terra.com.br

A poesia oral, em geral representada por quadras, mas também por outros tipos de composições, a seguir explicitados, é o gênero mais enfático de nosso cancionero e foi reunida em três coletâneas mais importantes, entre outras, ou seja: *Cancioneiro Guasca* (1910) de Simões Lopes Neto, *Cancioneiro da Revolução de 1835* (1935) de Apolinário Porto Alegre e *Cancioneiro gaúcho* (1952) de Augusto Meyer.²

O que caracteriza essa produção é o fato de ser marcada pelo que será o Regionalismo futuro, importante tendência sul-rio-grandense, representado pela literatura que tem o espaço rural como recorte, o pastor de gado - como seu principal tipo-mitificado no monarca das coxilhas, pelo sentimento anti-monarquista, e centauro dos pampas, pelo forte vínculo com o cavalo - e utiliza uma linguagem regional.

O *Cancioneiro Guasca* de Simões Lopes Neto contém 14 antigos “motivos de fandango”, que são letras de músicas para dança, 726 quadras, 27 intituladas “poemetos”, 57 “trovas”, 14 intituladas “poesias históricas”, 12 “desafios” e 12 intituladas “modernas”. No prefácio, nomeado como “Pró-memória”, fica demonstrado o quanto o autor considera o valor documental do texto que é uma forma de conhecimento do universo regional. Observe-se:

Como uma velha jóia, pesada e tosca, que a moda repulsa e entende arcaica, assim a antiga estirpe camponesa que libertou o território e fundou o trabalho social no Rio Grande do Sul, assim, essa - velha jóia pesada e tosca - acadinhada pelo progresso transmutou-se.

Usos e costumes, asperezas, impulsos, e, logo, aspirações, tão outras que as primevas e incompassíveis formam, agora, diferente maneira de ser dos descendentes dos continentistas.

Nada impede, porém, que, carinhosa, a filial piedade procure construir um escrínio onde fulgir possa o metal - duro e puro - que é herança sua.

Seja este livrinho o escrínio pobre: mas, que dentro dele resplandeça a ingênua alma forte dos guerrilheiros, campesinos, amantes, lavradores; dos mortos e, para sempre, abençoados Guascas! (CGua p.10)

² Vamos usar as siglas CGua para *Cancioneiro Guasca*, CGa para *Cancioneiro gaúcho* e CR35 para *Cancioneiro da revolução de 1835*.

O *Cancioneiro da revolução de 1835* que, segundo Guilhermino César, é “a única composição de maior porte da poesia guerreira do Rio Grande do Sul foi editado pela Globo no centenário da revolução de 1835.No prefácio “Poesia popular”, Apolinário Porto Alegre informa que se propõe a documentar o que foi a poesia guerreira, que segundo ele é “uma *Iliada* singela”.O organizador da 1ª edição foi Álvaro Porto Alegre, que reuniu os originais escritos em papel almaço, com 50 composições poéticas classificadas como: “hinos”, “quadras”, “adivinhações”, “persignaões”, “sátiras”, “sonetos”, “epigramas”, e “liras”.

O *Cancioneiro gaúcho* é uma reunião mais cuidadosa e estudo mais minucioso e crítico da poesia oral e Augusto Meyer, o organizador, que oferece seu trabalho a Mário de Andrade eminente folclorista, critica as compilações anteriores. Do *Cancioneiro guasca* de Simões Lopes Neto diz ser pouco autêntica e com retoques e do *Cancioneiro da revolução de 1835*, que é cheio de comentários eruditos desnecessários. Sua compilação contém 14 “motivos de fandango” 5 “motivos de trova e descante” , cerca de 700 “quadras” e 12 poemas intitulados “motivos da Guerra dos Farrapos.Também, esse autor utiliza uma epígrafe como carta de intenções de retratar o mundo gauchesco. Observe-se: “Ó montes erguidos, /deixai-vos cair.../ Por ver minha terra” (CGa s/p).

Nosso intento, ao examinar nossos cancioneros, é, seguindo a indicação de Simões Lopes Neto e Augusto Meyer, configurar parte do universo regional, através de temas emergentes que organizam o mundo campeiro sul-rio-grandense, ou seja; o amor, o homem e a mulher e suas relações, com os pontos de vista de um sobre o outro e o espaço que cada um ocupa nesse mundo ficcional.

Quanto ao amor, tema mais enfático do cancionero (as guerras e revoluções parecem não ser temas populares) podemos observar o afeto do homem pela mulher, essa como objeto de amor e o amor feminino visto pela ótica masculina.

O amor do homem pela mulher é intenso, constante, firme, diante de alguém que, na sua opinião, é ingrata e “tirana”.Observem-se as quadras:

Coração leal

1
Coração como este meu,
Como este meu coração...
Sempre está levando golpe,
Nem por isso cai no chão.

2
Coração como este meu,
Tão leal, não há nenhum;
Por estes pagos afora,
Dum cento se tira um (CGa, p.113)

Veja-se como o homem elogia sua lealdade e como se considera forte no amor. É interessante também como o lirismo, o sofrimento amoroso pela rejeição, o amor impossível pelas barreiras sociais, é neutralizados pelo humor e realismo contundente. Observem-se:

Quando estou longe de ti
E dói-me a separação,
Começo logo a berrar
Como um terneiro mamão. (CGua, p.67)

Eu amei uma casada
E pus-me a considerar
Por mim deixou o marido
Por outro e há de deixar (CGua, p.63)

O quanto, na primeira, o que poderia ser uma dor intensa de saudade pela separação acaba por fazer o leitor rir diante da figura do homem chorando como um “terneiro mamão”. Na segunda, o realismo é forte e o que costuma ser tema repetitivo na poesia romântica, o triângulo amoroso, é desfeito pelo bom senso do gaúcho, que vê com realismo seu mundo.

E o amor se desgasta, rompendo o topos do amor eterno romântico, como podemos ver nas quadras abaixo:

O marmelo é boa fruta
Enquanto não apodrece;
Assim é o amor novo,
Enquanto não aborrece.

O amor de moço é fogo,
Amor de velho é geada,
Aquele vale um tesouro
E este não vale nada. (CGua, p.146)

Na primeira composição, temos a desvalorização do amor pela passagem do tempo. Na segunda, é o velho que é desvalorizado nas lides amorosas por ter perdido a fogueira do jovem.

A conotação maliciosa está muito presente na literatura oral de nosso cancionário e é também um elemento que caracteriza o Regionalismo gauchesco. Observe-se:

Quando ela e eu corcoveamos,
Na dança repenicada,
Não se pasme, minha gente,
Que eu não sou mole nem nada. (CGa, p.124)

Quanta alusão erótica está em “corcoveamos”, movimento ondulante e agressivo do cavalgar, e, na metonímica afirmação da masculinidade, em “eu não sou mole nem nada”.

Ainda, o homem delicado demais nas lides amorosas é criticado pelo gaúcho-macho no amor, por vezes até agressivo com a mulher. Observe-se:

Eu me chamo José Doce
Por sobrenome Melado
Quando chego ao pé das moças
Fico todo açucarado. (CGua, p.142)

Já te bati no focinho,
Agora te paleteio;
Se dou p’r’apertar a cincha,
Te divido pelo meio. (CGua, p.135)

Como se contrapõem a açucarada delicadeza do primeiro, que inclusive depõe contra sua masculinidade e a agressividade, que vai além da virilidade, do segundo!

Quando a mulher é vista como objeto do amor, referem-se as moças, as velhas, as bonitas, as morenas, as mulatas e as loiras, as quais despertam desconfiança no campeiro,

talvez por não serem o tipo físico predominante no seu universo. A beleza e a sensualidade das preferidas são muito enaltecidas em quadrinhas como:

Quando passas nas coxilhas,
As ancas se boleando
Até as folhas e as flores
Vão todas se requebrando.

O veado quando corre
Deita orelha e vai pulando;
Meu amor, quando me enxerga,
Vem toda se requebrando. (CGa, p.118)

Em ambas as composições, a sensualidade da mulher com as “ancas se boleando” ou “toda se requebrando”, fica enfatizada e, no caso da primeira quadra, inclusive, tem o poder de contagiar “as folhas e flores” da natureza, criando muita musicalidade nos versos com as aliterações em nasal. Observem-se ainda:

A minha china é morena,
Mais morena que um pinhão,
Barriga de égua madrinha,
Olho de gato ladrão! (CGa, p.129)

Tenho meu cavalo baio
Ferrado das quatro patas,
Para dar um galopito
No palácio das mulatas. (Cgua, p.141)

Vou escolher uma dona
No rebanho das formosas:
Escolherei trigueirinhas...
As claras são enganosas. (CGua, p.670)

Aqui, as morenas e mulatas são ressaltadas como objeto do desejo do gaúcho, enquanto as loiras não tem preferência, pelo estranhamento que causam, num mundo onde a cor da pele e cabelos escuros são mais frequentes nos tipos humanos.

Também, as feias e velhas são contundentemente desprezadas, o que é incomum numa literatura e cultura que respeita muito os velhos. É, ainda, mal vista a mulher que

rejeita o homem, o qual, maldosamente, alerta-a para o desgaste da sensualidade.

Observem-se:

O biguá dentro d'água
Passa o dia e não se molha;
Eu fico mesmo que pedra,
Se mulher feia me olha. (CGua, p.142)

Três coisas há neste mundo
Que me fazem muito mal;
Mulher velha, noite escura,
Cachorrada no quintal. (CGua, p.112)

Saia de chita rendada,
Já não falas com ninguém...
Olha que a chita desbota...
Fala comigo meu bem! (CGua, p. 114)

Veja-se o quanto a feiúra é desprezada, pois o sujeito lírico fica “mesmo que pedra” “se mulher feia” o olha. “Pedra” de dureza de rejeição. Ainda, entre as “coisas”, “que fazem muito mal” ao poeta como “a noite escura”, com sua falta de luz e a rebaixada “cachorrada no quintal” está também desvalorizada a “mulher feia! Também, há aqui uma referência ao envelhecimento que desgasta a beleza da mulher, quando o poeta alerta a moça, “saia de chita rendada” de que a “chita desbota” com o passar do tempo.

O amor feminino, visto pela ótica masculina, é inconstante, falso, ingrato. E há até uma figura alegórica, a “tirana” que tem capacidade diabólica de sedução e faz o gaúcho sofrer com sua rejeição. Observe-se:

TIRANA

1
Eu amei uma tirana
E ela não me quis bem;
Agora vou desprezá-la,
Vou ser tirano também

2
Tirana, feliz tirana,
Tirana de um dolorido,

Uma tirana de gosto
Deixa um gaúcho perdido
[...]
(CGa , p.51)

Quando se trata da mulher, como emissora, em primeiro lugar, é rara sua presença. Sua fala é predominantemente agressiva, talvez respondendo ao tratamento masculino que lhe dá pouco espaço ativo no universo campeiro. Observem-se:

Dentinhos de pedra fina,
Olhinhos de prevenção:
Sossega que eu já sou tua,
Descansa teu coração. (CGUa, p. 100)

Casei-me com um anão
Para me fartar de rir:
Pois faço a cama bem alta
E ele não pode subir. (CGua, p.101)

O que se pode perceber, na primeira quadra, é o sentimento de raiva da mulher que se vê presa a um homem que se apropria dela com sua possessão. Em “dentinhos de pedra fina” está metaforizada a ferina “prevenção” de que ela se submeta a ele. E, na segunda, a alegorização do desejo da mulher, que seria o de ser grandiosa, diante de um homem “anão” que ela não deixa subir “na cama bem alta”, o que remete à sua rejeição ao ato amoroso, e coloca-a numa posição de superioridade, diante do homem que se apequena a seus olhos.

A figura feminina valoriza a si mesma, quando fala de sua participação nas guerras, como a Revolução Farroupilha, de 1835, importante contenda gaúcha que durou 10 anos. Observe-se:

Esta que aqui vos fala
É constante liberal,
Oprimida, perseguida
Pela corja galegal.

Mais vale uma farroupilha
Que tenha uma saia só,

Do que duas mil camelas
Envoltas em ouro em pó. (CR35, p.69)

Veja-se que a riqueza não está nos valores materiais, pois “Mais vale uma farroupilha /que tem uma saia só/ Do que duas mil camelas³/ envoltas em ouro em pó”.

Muito rara é a fala amorosa e fiel da mulher, como se pode observar na quadrinha em que ela responde a um conquistador:

Me chamaste rosa - branca,
Rosa do jardim florido;
Sou rosa - mas não sou tua;
Sou rosa do meu marido. (CGUA, p. 130)

Observe-se que a fidelidade ao marido impõe-se como obstáculo para o cortejador aproximar-se e a mulher reafirma, dessa forma, sua dignidade e respeito pelo casamento e o marido.

É uma visão machista, sem dúvida, que delineia o papel da mulher no universo campeiro. A virgindade e a fidelidade são muito valorizadas e o espaço feminino torna-se muito diminuto. Observem-se essas quadrinhas de um motivo de fandango de origem nordestina e adaptadas aqui:

Balaio, meu bem, balaio,
Balaio do coração,
Moça que não tem balaio
Bota a costura no chão. (CGA, p.59)

Recorta, meu bem recorta,
Recorta o teu bordadinho,
Depois de bem recortado,
Guarda no teu balainho. (CGA, p.60)

Essa composição não deixa dúvida sobre a pequenez com que o homem vê a mulher, a quem ele recomenda: “recorta, meu bem recorta/ recorta o teu bordadinho” enfatizando que ela não pode ocupar um espaço maior que um recorte do mundo. Também o “teu bordadinho” e o “teu balainho”, no diminutivo, reforçam essa diminuição do valor da

³ Camelas eram as mulheres que estavam a favor do governo na revolução.

mulher. Em “Moça que não tem balaio/ bota a costura no chão”, pode-se ver uma alusão à virgindade que é retomada nos versos abaixo:

A galinha e a mulher
Não se deixa passear:
A galinha o bicho come...
A mulher dá que falar! (CGUA, p. 29)

Meu amor, canastra velha,
Balaio, cesto sem fundo,
Eu quero, porém não posso,
Calar a boca do mundo. (CGUA, p.121)

A colocação da mulher ao lado da galinha já é uma forma de configurá-la com grande desvalorização e a “canastra velha/ balaio, cesto sem fundo” são reforços para a supervalorização da virgindade.

Até a posição da mulher nas revoluções, de 1835 e 1893, hoje tão valorizada pela história, sob o olhar masculino, fica empobrecida. Observe-se:

Mimosas rio-grandenses,
Criaí bem vossos filhinhos,
Que a pátria bem precisa
Do vigor dos seus bracinhos. (CA35, p. 88)

É depreciativo o adjetivo “mimosas” para uma mulher, que foi tão forte nas lutas, e fica relegada ao papel de criar bem os “filhinhos”, que serão necessários para a pátria que “precisa/ do vigor dos seus bracinhos”. Aqui, também, os diminutivos colaboram para medir o pequeno tamanho do valor de sua contribuição nas contendas guerreiras, segundo o ponto de vista masculino.

E por fim, ela, a mulher, comparada com a valorização dada ao cavalo, no mundo gauchesco, fica em segundo lugar. Observe-se:

Estou velho, tive bom gosto,
Morro quando Deus quiser;
Duas penas levo comigo:
Cavalo bom e mulher. (CGA, p.85)

Fica clara a preferência do homem por seu cavalo em detrimento da mulher, se for o caso de perdê-los.

Com essa leitura de nosso cancionero popular acreditamos ter podido mostrar alguns aspectos da vida de nossos campeiros nas origens do Estado. Escolhemos as relações entre o homem e a mulher, o amor, e os pontos de vista de ambos, para demonstrar o quanto as revoluções, tão exploradas em nossas narrativas regionalistas gauchescas, não tinham popularidade, numa literatura, produzida pelo povo sul-rio-grandense como alegoria de seu mundo e valores. Esperará um outro momento o estudo de outros aspectos também relevantes temas desses cancioneros como a vida campeira e as contendidas guerreiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. 8ªed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos n.36).

LUYTEN, Joseph. *O que é literatura popular*. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Coleção Primeiros Passos, n.98)

CASCUDO, Luís Câmara. A literatura oral. In: *História da Literatura brasileira*. 2ª ed. Rio: José Olympio, 1952, v.6.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.

BERND, Zilá e MIGOZZI, Jacques (Orgs.) *Fronteiras do literário: Literatura oral e popular Brasil/ França*. Porto Alegre: Ed.da UFRGS,1995.

BERTUSSI, Lisana. A literatura oral. In: *Regionalismo e romantismo no Rio Grande do Sul*. 1981.460 p.Tese (Doutorado em Letras)-PUCRS, Porto Alegre, 1981.

_____. *Literatura gauchesca: do cancionero popular à modernidade*.Caxias do Sul, EDUCS, 1997.

_____. *Tradição , modernidade, regionalidade: poesia regionalista gauchesca de 1922 a 1932*. Porto Alegre/ Caxias do Sul: Editora Movimento, EDUCS, 2009.

DIÉGUES, Manuel Júnior et al. *Literatura popular em verso*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da USP; Rio: Fundação Casa Ruy Barbosa, 1986. (Coleção reconquista do Brasil. Nova série, v.94)

LOPES NETO, Simões. *Cancioneiro Guasca*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MEYER, Augusto. *Cancioneiro gaúcho*. 2ª ed. Rio/ Porto Alegre/ São Paulo: Ed. Globo, 1959 (Coleção Província v. 2).

PORTO ALEGRE, Apolinário José Gomes. *Cancioneiro da revolução de 1835*. Porto Alegre: Cia União de Seguros Gerais, 1981.

SCHÜLER, Donaldo. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

TAVEIRA JR., Bernardo. Reflexões sobre a literatura rio-grandense. In: BAUNGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul-1868-1880*. Porto Alegre: EST, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

[Recebido: 02.jun.11 - Aceito: 18.jun.11]